

CONTRATO N 2810/97
ECT CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC CÂMARA LEGISLATIVA

Biblioteca/CLDF

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 54/56
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

GOOOO!!!

**Esse é o
país do
futebol**

**Entrevista com o poeta
Anderson Braga
Horta**

O escritor José Dilermando Meireles faleceu recentemente e deixou um grande vazio entre nós. Historiador e pesquisador da história do Planalto Central, ele deu uma grande contribuição neste campo. Foi um dos criadores da Academia de Artes e Letras do Planalto, a qual presidiu, em Luziânia (GO). Como homenagem a esse grande escritor, a DF Letras traz um de seus contos publicado no livro de sua autoria *O histórico e o pitoresco deste Planalto Central...*

Um golpe de mestre

□ JOSÉ DILERMANDO MEIRELES



Era à tardezinha. A fazenda já vivia a calma silenciosa do fim do dia, quando a caravana de ciganos aproximou-se e chamou à porta.

O tropel dos cavalos e o ladrar dos cães encarregaram-se de anunciar a chegada dos inesperados visitantes.

José acudiu à porta e ficou realmente surpreso. Uma caravana de ciganos não constitui novidade lisonjeira para nenhum fazendeiro.

Convidados a apearem dos cavalos e a entrarem, tomaram conta da longa varanda, ocupando literalmente todos os bancos e tamboretos disponíveis.

Apreensivo, principalmente porque na fazenda, nesse dia, encontravam-se unicamente ele e seu irmão, José pediu licença aos hóspedes e penetrou no interior da casa para relatar ao Oliveira por menores da inesperada visita que acabavam de receber.

la-me esquecendo de mencionar que o Oliveira encontrava-se acamado e febril, com o rosto totalmente deformado por uma profusão de picadas de marimbondos que sofrera durante o dia, quando trabalhava na roçada de um pasto.

- É, com esta ninguém contava - suspirou ao ouvir do irmão a má notícia. Quantos são eles? - indagou o doente.

- Aproximadamente umas vinte pessoas, entre homens e mulheres.

- Bem pior que uma nuvem de gafanhotos em lavoura nova - desabafou o Oliveira - Mas pode deixar comigo. Vou espantá-los agora mesmo.

- Como assim? - quis saber o irmão.

- Espere e verá.

Dito isto, levantou-se da cama do modo como se encontrava: cabelos despenteados, rosto todo intumescido e ruborizado, pijama esfarrapado, e dirigiu-se ao encontro dos visitantes, que já haviam solicitado pousada ao José.

- Boa tarde para todos - saudou Oliveira os ciganos, em tom de voz débil, andar lento e arrastado, com deliberado propósito de tornar pior ainda a sua precária aparência.

O impacto foi estarrecedor, pois que o aspecto do anfitrião era realmente de arrepiar os cabelos. Mais parecia um



José Dilermando Meireles,

de Luziânia, Goiás (1928/1998), é autor de vários livros, entre os quais Apologia de Brasília, Deste Planalto Central, A Morte Trágica de Americano do Brasil. Foi Procurador de Justiça, Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e membro de diversas entidades culturais e de classe, como a Academia Goiana de Letras, Cadeira 12, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, a Academia de Letras e Artes de Luziânia, além de outras instituições nacionais.

monstro que um ser humano.

Após ligeira pausa, conseqüente da estonteante impressão causada pelo fazendeiro doente, um dos ciganos não se conteve e deliberou quebrar o silêncio, arriscando:

- O senhor não parece bem!

- Ah, meu amigo, este mal é sem remédio. Padeço há vários anos e vou cada vez pior. Nada mais espero do mundo senão a morte. Os recursos da medicina estão esgotados para mim!

- Mas de que sofre, afinal? - quis saber o cigano, mais apavorado ainda.

- Dizem os médicos que é morfêia; porém, acredito ser mesmo uma tal de macutena, sem remédio!

Essas palavras soaram como bomba no espírito dos indesejáveis visitantes. Um silêncio profundo e soturno voltou de novo a reinar na vasta sala apinhada de gente.

Não demorou muito até que um deles, o líder, talvez, lançando olhares longos pelo descampado crepuscular da noite que se avizinhava, virou-se e disse com brandura, porém com resolução inabalável:

- Acho que podemos andar mais um pouco, não, pessoal?

A aprovação foi uníssona, para quem não ansiava por outra proposta.

- De modo nenhum - contestou o dono da casa. A noite se aproxima e não é possível saírem com esta escuridão.

- Não, senhor, já nos descansamos bastante e além disso poderemos apro-

veitar um pouco a frescura da noite e o clarão do luar para adiantarmos mais a nossa viagem com destino à cidade.

Na verdade o tempo ameaçava chuva e era lua nova. De modo que não poderiam contar nem com o frescor da noite nem com a claridade do luar. Assim, foi fácil ao inteligente fazendeiro confirmar a eficácia do golpe que de improviso desfechara.

Baldadas as tentativas de persuadir os ciganos a pernoitarem, disparou o Oliveira, com extraordinária precisão e fina malícia, o tiro de misericórdia:

- Mas não vão sair sem antes tomarem pelo menos o cafezinho que meu irmão está preparando para nós!

Foi o quanto bastou para que todos se arrancassem de vez e tomassem, às pressas, o rumo da estrada. Ninguém, curiosamente, entre todos eles, tinha o hábito de tomar café.

E lá se foram pela noite adentro, sem frescor e sem luar, subindo morros e atravessando rios, enquanto os dois irmãos saboreavam, em gargalhadas, o êxito do certo contragolpe, bendizendo os marimbondos e esquecendo um pouco o ardor de suas picadas salvadoras.

- Vejo agora que picada de marimbondo dói bem menos que traça de ciganos - observou o Oliveira, antes de apagar a lamparina, meter-se novamente sob os fofos cobertores e adormecer, embalado pelo canto melancólico do urutau, reboando no fundo ermo e silencioso da mata.